

# REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES SOBRE O *MAIS EDUCAÇÃO*<sup>1</sup>

Ana Otilia da Gama

## RESUMO

A proposta do presente trabalho teve como objeto de pesquisa um questionário para saber qual é o entendimento que os professores e gestores de uma escola da rede pública municipal de Sapucaia do Sul tem a respeito do *Mais Educação*. Conteí com o apoio de 20 professores num total de 33 atuantes na escola. A pesquisa foi baseada na avaliação dos questionários e observações durante um ano no dia a dia escolar. Como o projeto foi implantado nesse tempo deu para observar através dos instrumentos os prós e contras da implantação bem como as distorções e pré-conceitos que surgem ao longo do processo. A inspiração de estudo veio advinda das dúvidas e incertezas que ouvia de alguns colegas na escola em conversas informais a respeito do que é o *Mais Educação*, sua importância, influência no cotidiano escolar e suas implicações na mesma. As contribuições, divulgações, estratégias todo o caminhar de um processo que tem um intuito muito nobre: tirar as crianças do risco de vulnerabilidade e dar a elas as mesmas chances e condições que qualquer criança tem, o direito à educação. Direito este garantido em lei. Se queremos, uma sociedade, mais justa, temos que dar condições para que isso ocorra. É importante ressaltar que o presente estudo permitiu, ainda, analisar, paralelamente a visão que os professores e gestores tem a respeito do projeto.

Palavra-chave: *Mais Educação*, vulnerabilidade, direito à educação, representações, cotidiano escolar.

## INTRODUÇÃO

Este artigo pretendeu fazer uma análise e reflexão a respeito do entendimento que alguns professores de uma escola da rede municipal de Sapucaia do Sul tem sobre o Programa *Mais Educação* implantado na mesma em 2012.

O Programa *Mais Educação* foi instituído pela Portaria Interministerial 17/2007 e pelo Decreto Presidencial 7083/2010 e integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral. Trata-se do esforço para construção de uma ação intersetorial entre as políticas públicas educacionais e sociais, contribuindo, desse modo, tanto para a diminuição das desigualdades educacionais, quanto

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização Educação Integral Integrada na Escola Contemporânea, da Faculdade de Educação/UFRGS, sob a orientação da Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini.

para a valorização da diversidade cultural brasileira (SEB/MEC, 2011,p.06 ).

Este programa está presente na legislação educacional brasileira e pode ser apreendido em nossa Constituição Federal, nos artigos 205, 206 e 227; no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.º9089/1990); na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9394/1996); no Plano Nacional de Educação (Lei n.º 10.179/2001), no Fundo Nacional de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Lei n.º 11.494/2007), através do financiamento diferenciado às matrículas em tempo integral no Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE (2007), através do Programa *Mais Educação* e no Plano Nacional de Educação proposto para o período 2011 - 2020. Este Programa atende, prioritariamente, escolas de baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, inicialmente situadas em capitais e regiões metropolitanas, chegando no ano 2010 em cidades com mais de 90.000 habitantes em territórios marcados por situações de vulnerabilidade social e educacional, que requerem a convergência prioritária de políticas públicas. Para 2011, prospecta-se sua presença em cerca de 15.000 escolas, incluindo-se municípios com mais de 18.800 habitantes. Até 2014, a previsão é de que o Programa *Mais Educação* esteja em todo território nacional, chegando a 32.000 escolas (este último índice já foi alcançado).

Acreditando num ensino de qualidade, em mais inovações educacionais, que só vem a contribuir para uma educação mais justa para todos, é que surgiu a inspiração do meu estudo, advinda das dúvidas e incertezas que ouvia de alguns colegas na escola, em conversas informais a respeito do que é o Programa *Mais Educação*, sua importância, influência no cotidiano escolar e suas implicações. Partindo da epígrafe acima, a qual evidencia a necessidade de qualificar a educação, resolvi fazer uma pesquisa voltada em observações coletadas no local e também de um questionário com perguntas bem pertinentes para saber realmente qual era o entendimento deles à respeito. Com os objetos de pesquisa em mãos, pude analisar, refletir e comprovar que há muitas dúvidas que afligem os professores. Objetos, estes, que esclarecerei adiante.

Antes de relatar os dados, farei uma pequena pincelada sobre o Projeto, sua intenção e função.

Ele se divide em macrocampos<sup>2</sup> dos quais cada escola opta por seis. A escolha deve ser feita conforme a comunidade onde a escola está inserida. É feita anualmente. Conforme a Secretaria de Educação Básica – SEB, o *Mais Educação* tem o objetivo de garantir o direito de aprender, incidindo-se na diminuição das desigualdades educacionais por meio da ampliação da jornada escolar na perspectiva de educação integral, recomenda-se alguns critérios para definição dos alunos como:

Estudantes que estão em situação de risco e vulnerabilidade social; estudantes que congregam, lideram, incentivam e influenciam positivamente seus colegas; estudantes em defasagem ano escolar/idade; estudantes dos anos finais da 1ª fase do ensino fundamental (4ª série / 5º ano) e da 2ª fase do ensino fundamental (8ª série/ 9º ano), entre os quais há maior saída extemporânea; estudantes de séries/anos nos quais são detectados índices de saída extemporânea e/ou repetência; estudantes que demonstram interesse em estar na escola (SEB, 2011, p.14).

Como vimos acima o Projeto *Mais Educação* tem uma proposta muito boa em resgatar os alunos das zonas de perigo, e valorizá-los. Após o lançamento do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, através da Presidente Dilma Roussef o Programa *Mais Educação* se estendeu também às crianças dos primeiros, segundos e terceiros anos do Ensino Fundamental antes, não eram abrangidas. O Pacto só vem a consolidar a permanência delas na escola e tirá-las do risco de vulnerabilidade. É mais uma conquista para fortalecer a Educação Integral, uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, poderemos acreditar num futuro promissor. Segundo o SEB:

O Programa *Mais Educação* visa fomentar, por meio de sensibilização, incentivo e apoio, projetos ou ações de articulação de políticas sociais e implementação de ações sócio-educativas oferecidas gratuitamente a crianças, adolescentes e jovens, e que considerem as seguintes orientações:

I. contemplar a ampliação do tempo e do espaço educativo de suas redes e escolas, pautada pela noção de formação integral e emancipadora; II. promover a articulação, em âmbito local, entre as diversas políticas públicas que compõem o Programa e outras que atendam às mesmas finalidades; III. integrar as atividades ao projeto político-pedagógico das redes de ensino e escolas participantes; IV. promover, em parceria com os Ministérios e Secretarias Federais participantes, a capacitação de gestores locais; V. contribuir para a formação e o protagonismo de crianças, adolescentes e jovens; VI. fomentar a participação das famílias e comunidades nas atividades desenvolvidas, bem como da sociedade civil, de organizações não

---

<sup>2</sup> Macrocampos compreende-se macrocampo o conjunto de atividades didático-pedagógicas que estão dentro de uma área de conhecimento percebida como um grande campo de ação educacional e interativa, podendo contemplar uma diversidade de ações que qualificam o currículo escolar.

governamentais e esfera privada; VII. fomentar a geração de conhecimentos e tecnologias sociais, inclusive por meio de parceria com universidades, centros de estudos e pesquisas, dentre outros; VIII. desenvolver metodologias de planejamento das ações, que permitam a focalização da ação do Poder Público em territórios mais vulneráveis; e IX. estimular a cooperação entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios (2012,p.04).

Hoje, ainda há alguns profissionais da educação que tem a imagem de que os projetos, voltados para essa área, são aceitos, aprovados em lei e basta! São feitos como se diz: “para ontem” de cima para baixo para serem colocados em prática (hierarquias). Esquecem-se de que para estes darem certo é necessário o empenho de outras pessoas envolvidas, nós. São os professores que vão colocar em prática nas escolas. Alguns, direta, outros indiretamente, mas todos de uma forma ou de outra, vão estar envolvidos. Então por que esses profissionais, não são preparados para tal? Preparados com formações, esclarecimentos que possam fornecer um entendimento a respeito do que está por vir. Sabemos também, que tudo que é novo ou que nos induz a sair da zona de conforto, causam estranhamentos e pré-conceitos. Como proteção, ao medo, acabamos atacando. Muitas vezes enxergando através de lentes embaçadas, só enxergando o que nos convém. De quem é a culpa? Existem culpados?! E, como a gestão escolar pode auxiliar esses professores no sucesso/fracasso de projetos como o *Mais Educação* que vem com o intuito de melhorar a qualidade de ensino e tirar nossas crianças do risco de vulnerabilidade?

Foucault em seu livro *Vigiar e Punir* (2004) compara as escolas como uma prisão. Numa leitura simplista discordo inicialmente, mas ao fazer uma análise mais pontual comecei a ver através dos olhos de Foucault, e constatei que a escola realmente se assemelha a uma prisão com seus setores e departamentos. Quando ele comenta sobre as práticas de uso dos horários do recreio e do refeitório, após terminarem essa atividade eles retornam as suas salas, digo, selas. Fica nítido como ambas se aproximam. Foucault comenta, (2004, p.117):

Dentre tantas modificações, atendo-me a uma: o desaparecimento dos suplícios. Hoje existe a tendência a desconsiderá-lo; talvez, em seu tempo, tal desaparecimento tenha sido visto com muita superficialidade ou com exagerada ênfase como "humanização que autorizava a não analisá-lo. De qualquer forma, qual e sua importância, comparando-o as grandes transformações institucionais, com códigos explícitos e gerais, com regras unificadas de procedimento; o júri adotado quase em toda parte, a definição do caráter essencialmente corretivo da pena, e essa tendência que se vem

acentuando sempre mais desde o século XIX a modular os castigos segundo os indivíduos culpados? Punições menos diretamente físicas, uma certa discricção na arte de fazer sofrer, um arranjo de sofrimentos mais sutis, mais velados e despojados de ostentação, merecera tudo isso acaso um tratamento a parte, sendo apenas o efeito sem dúvida de novos arranjos com maior profundidade? No entanto, um fato é certo: em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo. Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal.

Mas ainda permanece as torturas psicológicas, sutilmente veladas por entre os muros de nossas escolas. A tortura física (palmatória, ajoelhar em tapete de tampinhas, nos grãos de milho) foi substituída pela tortura mental, onde alguns professores se apropriam dessas “armas” para manipular seus alunos sob o seu poder de autoridade máxima e suprema da sala de aula. Alguns professores adoram ironizar quando lembram “a abolição das palmatórias”. Como esse conceito ainda está velado nos pensamentos de muitos professores. Eu mesma vi durante todos esses anos lecionando, muitas crianças sendo rejeitadas por serem ranhentas, sujas, mal vestidas. Outras, sendo punidas com castigos psicológicos, por exemplo, colocando dois meninos abraçados na porta da sala e de vez em quando fazendo-os se beijar no rosto, isto, à vista de quem passasse pelo corredor da escola e pior, achando graça em poder ter o “poder” de manipular a vida alheia de quem deveria estar sob sua guarda. Como algumas pessoas podem ser cruéis! São capazes de deixar marcas profundas e eternas como mágoa, baixa estima e ódio em outras sem o mínimo remorso. Sem se questionar a respeito. O *Mais Educação* tenta mudar essas atitudes repulsivas.

Se, temos um poder tão grande, que é de lidarmos com pessoas, então vamos ensiná-las a serem felizes, amáveis, pacientes, carinhosas e caridosas com os outros. O exemplo é um forte aprendizado. Não podemos deixar nossas frustrações e desventuras interferir negativamente em outras. Isso é muito cruel, torno a repetir. E isso vem ocorrendo ao longo dos anos. Vamos dar um basta! Como?! Esclarecendo para essas novas gerações de “formadores” que eles não tem o direito de interferir negativamente, seja velada ou não, como também ocorre, na vida, desses seres indefesos que ficam no mínimo 4 horas diárias numa sala em sua companhia. Tem-se que parar com a ideia de que são os detentores do conhecimento e que são semi-deuses e portanto, podem decidir por outros no caso indivíduos que estão sob sua guarda .O professor tem um poder

muito forte sobre seus alunos de manipulá-los, como um juiz que determina o que pode e o que não pode. Foucault (2004, p.136) ao se referir as provas diz:

Sob a aparente pesquisa intensa de uma verdade urgente, encontramos na tortura clássica o mecanismo regulamentado de uma prova; um desafio físico que deve decidir sobre a verdade; se o paciente é culpado, os sofrimentos impostos pela verdade não são injustos; mas ela é também uma prova de desculpa se ele for inocente. Sofrimento, confronto e verdade estão ligados uns aos outros na prática da tortura; trabalham em comum o corpo do paciente. A investigação da verdade pelo suplício do "interrogatório" é realmente uma maneira de fazer aparecer um indício, o mais grave de todos - a confissão do culpado; mas é também a batalha, e a vitória de um adversário sobre o outro que "produz" ritualmente a verdade. A tortura para fazer confessar tem alguma coisa de inquérito, mas tem também de duelo.

Neste trecho se não for esclarecido que é referente a uma prisão dá para ver e acreditar que se trata de uma prova avaliada em sala de aula. Não estou querendo dizer que sou contra provas e métodos de avaliação, mas sou contra a forma e maneira como alguns professores se apropriam delas. É essa visão distorcida que muitos professores tem à respeito do que é ensinar. O *Mais Educação* vem sutilmente tentando desnuvear os olhos e mentes de muitos profissionais da educação que ainda enxergam a escola como uma prisão, e a avaliação como uma prova punitiva do saber. Estudando Anísio Teixeira, observei que ele tinha essa visão inovadora, um novo olhar sobre a educação e por isso foi visto com olhares desconfiados, de canto, quando apresentou as pirâmides<sup>3</sup> para comparar a educação no Brasil com a dos Estados Unidos. Hoje temos a certeza de que ele estava certo, bem adiante da sua época e graças a seus ideais que foram por muitos anos esquecidos, que hoje podemos tentar mudar essa situação e dar uma vida mais justa a essas crianças que vem a escola aprender, ou melhor, trocar conhecimentos. E, acreditando nos ideais de Anísio e Darcy Ribeiro<sup>4</sup> que busquei realizar uma pesquisa de estudo que mostrasse a realidade educacional.

Lembro quando entrei para o Magistério, há 25 anos atrás, meus professores já nos orientavam a valorizar as vivências e aprendizagens dos nossos alunos. Na época

---

<sup>3</sup>Pirâmides foi a forma que Anísio Teixeira encontrou para comparar a educação brasileira com a norte americana. A pirâmide dos Estados Unidos demonstrava o crescimento na educação do seu topo até sua base, enquanto que a brasileira era uma pirâmide em forma invertida começando larga e afinando no final como um funil mostrando que ao término poucos chegavam até o final dos estudos.

<sup>4</sup>Darcy Ribeiro, antropólogo, escritor e político brasileiro conhecido por seu foco em relação aos índios e à educação no país.

eles costumavam dizer: “as bagagens que os alunos trazem” querendo se referir ao aprendizado que os alunos traziam consigo. Hoje, se passaram mais de 2 décadas e ainda vemos a luta de alguns mestres em tentar mostrar para muitos professores que isso é importante e deve ser valorizado.

Os alunos não zeram seus conhecimentos e experiências quando vem à escola pela primeira vez. Eles as trazem consigo inúmeras vivências, aprendizagens e costumes que o acompanharam ao longo dos seus 6/7 anos. Mas, quando estes chegam à escola, cheios de vontades de compartilhar suas vivências, muitas vezes são barrados dentro dela. Os alunos levantam todos os dias e junto com seus materiais escolares, vão junto para a escola um mundo de experiências, ideias pessoais que muitas vezes os professores não sabem aproveitar, pois se fossem bem aproveitadas poderiam transformar a vida de nossos alunos. Anísio e Darcy tinham essa visão, e o *Mais Educação* vem valorizar essas aprendizagens.

Muitos professores não entendem esse processo e continuam querendo fragmentar a escola, os conteúdos, e pior, os alunos. Nós não somos pedaços ou gavetas de um arquivo, somos um todo que interage com tudo que está ao nosso redor.

O *Mais Educação* valoriza os conhecimentos prévios do aluno. Camargo (2012, p.29) comenta que a aprendizagem é tanto mais significativa quanto mais relações com sentido o aluno for capaz de estabelecer entre o que já conhece, seus conhecimentos prévios, e o novo conteúdo que lhe é apresentado como objeto de aprendizagem. Na escola, os alunos devem partir de seus conhecimentos anteriores para entender sua relação com o novo conteúdo, atualizando-os.

Com certeza, a cada momento estamos propícios a nos apropriar dela. Partindo desse meu ideal que acredito muito numa educação de qualidade e justa comecei os meus questionamentos junto aos meus colegas.

## **REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES**

Ao entrevistar os professores logo pude observar que poucos professores sabiam a respeito do Programa *Mais Educação* e a grande maioria, sabia quase nada. Muitas dúvidas e curiosidades a respeito. Por ser a grande maioria sem conhecimento do assunto, constatei ao longo das entrevistas que muitos tinham olhares distorcidos a respeito do projeto. Por exemplo: Quando perguntei se conheciam o projeto por inteiro e quais eram suas dúvidas, vi que cada um tinha a sua interpretação, e surgiram alguns questionamentos, como: Sei que são oficinairos que trabalham com os alunos, mas qual

o critério utilizado na escolha das oficinas? Gostaria de saber como são selecionados os alunos para o projeto e, quais os objetivos das oficinas, origem e forma de investimento das verbas? O critério de escolhas dos alunos é igual em todas as escolas? Pode ter oficina com vínculo empregatício? Pode haver saídas de campo? Como são?

Minha maior dúvida é a respeito da estrutura física para a realização das atividades. Como ocorre?” Como pode se observar as dúvidas foram e continuam sendo muitas. Então, eu levanto um questionamento: Se o Programa *Mais Educação* tem o intuito de resgatar essas crianças do risco de vulnerabilidade, oportunizar novas maneiras e métodos de aprender, e, as oficinas são também para contribuir com a aprendizagem dos alunos, pois ali, eles desenvolverão novos saberes, novas habilidades, que irão ajudar no seu desenvolvimento, inclusive, em aula, com os professores de toda a escola. Elas vão se tornar crianças mais autônomas, responsáveis e vão saber interagir com o mundo que os cerca, mundo este, além dos muros da escola. Então, por que esses mesmos professores não tiveram acesso ao projeto que é tão importante para os alunos como para eles também? Vejo que faltaram esclarecimentos. O Programa vai além dos limites da escola. Ele deve abranger toda a comunidade. No caderno *Rede de Saberes Mais Educação* (BRASIL, 2009, p.13) diz que: “o projeto de educação integral tem como desafio estabelecer um diálogo ampliado entre escolas e comunidades”. E ainda comenta:

A educação integral deve representar o investimento em redes de aprendizagem, troca de saberes e valorização de saberes comunitários, a começar pelo saberes de outros profissionais que atuam na escola e na comunidade, os quais não exercem a função docente e que passam a atuar como monitores no desenvolvimento das atividades (LECLERC, 2012, p.311).

Aqui, mostra a importância da aproximação da escola com as famílias e comunidade para solidificar e fortalecer o projeto. É uma religação da educação formal com a informal. Um intercâmbio de saberes. Mas nada disso é falado e esclarecido. Por quê? Cada um pode chegar a sua conclusão dessa forma. A minha, parte de que muitas coisas não funcionam e não dão certo por falta de comunicação. Como dizia o “velho guerreiro” - o Chacrinha<sup>5</sup>: “Quem não se comunica se trumbica!” e com esse chavão se encaixa no que penso, pois ao longo do meu trabalho como educadora já vi e participei

---

<sup>5</sup> Chacrinha, Abelardo Barbosa grande comunicador de massa nos anos 80.



de muitos projetos, alguns deram certo, outros quase, e outros não deram em nada. E a grande maioria foi por falta de comunicação. Informações distorcidas, conclusões precipitadas sem constatação da verdade, enfim, por pura falta de comunicação. Talvez por acharem que se perde tempo esclarecendo, que não é tão importante assim, mas lá adiante, vai acabar respingando em alguém(algum). Tem-se medo de perder tempo com esclarecimentos, mas não veem que eles, são primordiais para as coisas darem certo, para que o copo não transborde.

Quando perguntei se já haviam tido alguma formação a respeito do Programa, foi unânime a resposta: - Não! Cabe a quem essa incumbência? Segundo *Caderno Mais Educação Passo a Passo*:

O diretor da escola, por meio de sua atuação com o Conselho Escolar, tem o papel de incentivar a participação, o compartilhamento de decisões e de informações com professores, funcionários, estudantes e suas famílias. Nesse sentido, o trabalho do diretor também tece as relações interpessoais, promovendo a participação de todos os segmentos da escola nos processos de tomada de decisão, de previsão de estratégias para mediar conflitos e solucionar problemas. Cabe ao diretor promover o debate da Educação Integral em jornada ampliada nas reuniões pedagógicas, de planejamento, de estudo, nos conselhos de classe, nos espaços do Conselho Escolar, nas atividades com a comunidade escolar. Isso porque a Educação Integral representa o debate sobre o próprio projeto educacional da escola, da organização de seus tempos, da relação com os saberes, com práticas contemporâneas e com os espaços potencialmente educadores da comunidade e da cidade. O resultado esperado é o envolvimento de toda a comunidade, em especial dos estudantes, para a construção de um ambiente favorável à aprendizagem. Cabe também ao diretor garantir a tomada coletiva das decisões acerca das escolhas das atividades formativas do Programa Mais Educação, garantir a transparência nas prestações de contas dos recursos recebidos e fomentar a organização do Comitê Local (BRASIL, 2011, p.19).

Daí a importância de uma escola proativa com uma gestão comprometida com seus alunos, que vá a luta, traça metas, põe elas em prática, busca novas alternativas, todas com um objetivo – o aluno.

Não haverá educação de qualidade se o processo pedagógico não estiver enraizado, impregnado e articulado com o real. Para trabalhar com a realidade é preciso conhecê-la e para que isso ocorra é preciso canais de expressão desta realidade.

Várias vezes, me peguei pensando no resultado desses gestos pequenos, de mudanças, numa educação integral integrada, de como ela poderá ser primordial na vida

de cada um. Daqui, há alguns anos como essa educação poderá fazer a diferença em cada um desses lares em que ela entrar direta ou indiretamente, e como será gratificante saber que você fez uma pequena parte nessa grande transformação. Tão bom para nossa consciência saber que fez um bom trabalho. Que você foi pertencente a um processo transformador positivo e, que contribuiu para a felicidade de outros, logo, sua vida teve fundamento, não foi em vão. Mas a vida nem sempre é um mar de rosas, e se tem muitas pedras pelo caminho. Quando fiz a pergunta referente a respeito da contribuição que o *Mais Educação* traria para a escola, o meu espanto foi a colocação de dois colegas que a seguir transcrevo:

Acredito que possa contribuir com o crescimento cognitivo dos alunos que participam deste programa, mas para isto os oficinairos devem ter cursos e especializações adequadas para que possam desenvolver um trabalho que agregue ao trabalho da escola (Professora Dulce, 2013).

Claro que queremos um trabalho integrador entre oficinairos, professores, escola, mas não moldá-los ao da escola atual, pois senão estaríamos apenas aumentando a carga horária de nossos alunos e não fazendo com que ele desenvolva novas habilidades, habilidades que não se agregam a quadro/giz e livros/cópias. Onde fica a experiência compartilhada? E desde quando o cognitivo não ajuda no desenvolvimento do ser como um todo?

Como não temos espaço físico adequado para as oficinas propostas, na minha opinião, atrapalha muito o barulho dos alunos das oficinas perturba outros setores e salas de aula(Professora Mary, 2013).

Como é que uma escola vai ser silenciosa? Escola é vida. É movimento!

Foucault (2004) como já foi comentado acima, mostra a escola novamente como um lugar fechado, com setores, fragmentado, sem inovações, igual a uma prisão.

E acrescento, mais ainda, uma conversa informal com uma colega de outra escola onde atua como professora comunitária. Quando ela se exaltou a um comentário feito por mim a respeito de as crianças não precisarem ficar restritas ao pátio da escola. Ela logo atacou, afirmando que os alunos estão sobre responsabilidade dela, e a mesma não tiraria as crianças do pátio da escola para colocá-los em qualquer “muquifo” termo utilizado por ela. Claro que não é essa a proposta do *Mais Educação*, tirar as crianças das dependências da escola e levá-las a qualquer lugar. Para isso é preciso um estudo da

coordenadora em buscar locais seguros fora do ambiente escolar “novos tempos e espaços”, mas não podemos continuar mantendo a escola numa redoma de vidro e a todos que nela entram.

Santos e Vieira (2012, p.338) afirmam:

Educar na perspectiva da educação integral extrapola a ampliação do tempo, bem como a ampliação de espaços: trata-se da necessidade de educar para ler, escrever, calcular, interpretar, produzir textos e poesias, resolver problemas com as quatro operações e muito mais que isso, ou seja, a educação em sua integridade visa o ensino e à aprendizagem, ao olhar e ao cuidar do outro, visa a proteção e à emoção, respeito às diversidades; traduz a cultura da paz. O desejável é educar sujeitos que construam uma sociedade mais humanizada e menos violenta, a educação integral desenvolve-se e acontecem diferentes espaços, tempos e relações, é a educação da família, da escola, da maré, do campo de futebol, da rua, do bairro, etc. Pensar nessa grande rede é pensar na educação integral do nosso tempo.

Os espaços são outros e temos que ver com outro olhar, esse novo educar. Educar com qualidade, com vontade de aprender e de ensinar, de ambos os lados, pois quando compartilhamos conhecimentos, estamos aprendendo mais do que dando. Mas a caminhada é longa, mas não impossível. Em muitas terras onde a semente foi lançada já se podem ver os frutos. É preciso mudanças, basta de pensamentos retrógrados.

A escola não pode continuar sendo uma ilha, cercada por seus muros altos. Ela deve abrir seus portões além do horário de entrada e saída de alunos. Ela deve abrir para os pais, para comunidade possa entrar e fazer parte deste momento único. Segundo Moll (2012, p.283):

Aqui o significado de educação integral está relacionado à aproximação entre a escola, as famílias e as comunidades, não apenas do ponto de vista da gestão, mas do encontro de saberes. Ou seja, reaparece a concepção de educação integral como religação da educação não formal, dos processos espontâneos aos intencionais, dos saberes comunitários aos escolares, tal como em um dos significados tradicionais do conceito.

Sabemos que para uma escola funcionar é preciso uma gestão de qualidade e democrática, que valorize seus profissionais, que seja receptiva a sua clientela (alunos, pais, comunidade) e, que saiba contribuir de forma positiva a todos. Segundo o Ministério da Educação, Navarro (2004, p.24):

É preciso romper com a lógica massificadora da escola, que tem historicamente desconsiderado a diversidade de opiniões, posturas, aspirações e demandas dos atores sociais que agem no seu interior. É preciso respeitar e criar condições para o desenvolvimento das potencialidades e para o atendimento das necessidades específicas dos estudantes. Assim, o respeito ao pluralismo torna-se garantia de um ambiente efetivamente democrático na escola.

A gestão é de suma importância na valorização do professor. Se este está feliz, se sente acolhido no ambiente escolar, trabalha melhor. Nós, professores, por termos muitas atividades diárias, precisamos ser lembrados pela escola, e também, lembrarmos, da nossa importância, para a vida de nossos alunos. Conforme Luck (2009, p.20):

A escola é uma organização social constituída pela sociedade para cultivar e transmitir valores sociais elevados e contribuir para a formação de seus alunos, mediante experiências de aprendizagem e ambiente educacional condizentes com os fundamentos, princípios e objetivos da educação. O seu ambiente é considerado de vital importância para o desenvolvimento de aprendizagens significativas que possibilitem aos alunos conhecerem o mundo e conhecerem-se no mundo, como condição para o desenvolvimento de sua capacidade de atuação cidadã.

Portanto, ela deve estar aberta para mudanças e a gestão deve estar além da visão antiga e ultrapassada que muitas vezes encontramos. Mas precisamos também de professores que queiram fazer a diferença.

Com o passar dos anos o que se vê hoje são muitos professores desorientados sobre o seu papel. O mundo evoluiu. A sociedade mudou. A escola mudou. Não é mais o que era há alguns anos, portanto, os professores também tem outro papel perante a sociedade. Suas funções mudaram, não é mais o monopólio do saber, sua forma de trabalhar também evoluiu. Francisco Imbernón (2009, p.9) acrescenta:

A escola, tal como a conhecemos, criada na modernidade do século XVIII, consolidada em suas funções de educação da cidadania no século XIX e renovada pelos movimentos da escola nova durante o século XX, tenta educar crianças do século XXI com professores formados em procedimentos educativos do século XX.

Assim a noção de sala de aula mudou, como também suas possibilidades e funções educativas. Imbernón (2009, p.10) diz mais:

Amplia-se a noção de sala de aula, assim como as possibilidades e funções educativas desse espaço. Não se trata mais necessariamente de um lugar entre quatro paredes, mas sim de qualquer âmbito onde se estabeleça uma relação educativa entre alunos e entre professores e alunos. Essa reconceitualização amplia o grau de responsabilidade e de autonomia dos profissionais na sua gestão e destaca o papel ativo que tem também os próprios alunos na regulação dos intercâmbios, assim como os parâmetros de referência sob os quais atuam: o tempo, os espaços, as normas, seus referentes e os estilos comunicativos, tudo isso possui um enorme potencial explicativo e de possibilidades formativas para professores.

Não há mais espaço para continuarmos vendo uma escola restrita a quatro paredes, ao limitar de muros, muito menos continuarmos confinados sempre num determinado lugar adquirindo conhecimento, ele (conhecimento), está ao nosso redor. Afinal, fazemos isso todo o tempo, a cada momento. Estamos em constante aprendizado, basta que os professores notem que isso é possível e saibam valorizar esse momento. Somos peças importantes nesse processo, que vai além de paredes, dos muros, dos quadros, dos gizes... o *Mais Educação*, nos dá essa liberdade de viver para aprender e aprender para viver numa sociedade mais justa.

Chega até ser engraçado, como nós não paramos para refletir a respeito da forma como levamos nossas vidas naturalmente, sem nos darmos conta, do quanto ela é preciosa, pois acordamos todos os dias, nos arrumamos e saímos para nossas atividades rotineiras. Não percebemos que somos hoje o que somos, graças a influência de 2 grupos sociais muito importantes: a família e a escola. São elas que vão dar a estrutura e a solidificação de nós indivíduos, sendo a primeira, a base de tudo. Ela nos dá, estruturação como ser único. É ali, na família que vamos criar nossos hábitos, costumes, significados da vida (esta, que pensamos muito pouco, em função da correria do dia a dia) e, mais tarde quando formos apresentados à escola, estruturaremos nossos conceitos, alguns modificando, outros, concretando. É o reboco da nossa estrutura inicial. Nela vamos aprender a conviver em grupos diferentes e mesclados. Todos, somos diferentes. Viva a diferença! Temos nossos hábitos, costumes, crenças e vivências. Temos nossos dias de glória e esplendor. Como também temos dias de trovões e tempestades. Assim, também são nossos alunos. Hoje, são crianças e adolescentes que estão em nossas escolas sob nossa guarda. Daqui há alguns anos, estarão na sociedade, desenvolvendo outros papéis, dos quais tivemos participação

direta ou indiretamente. Alguns, terão se estruturado bem nos 2 grupos sociais que citei acima, e mesmo tendo dificuldades, estarão prontas para vencê-las. Outros dependendo de como são vistos e tratados, poderão pender e desistir de seus sonhos e parar na primeira pedra que encontrarem pelo caminho.

Portanto, a escola, é um local muito importante para nossas crianças, pois é aqui, que muitas delas, vem buscar a última chance.

E, somos nós professores, que temos que saber, temos que ter a obrigação de ver nossos alunos. Quando falo “ver” quero dizer como um todo, um olhar sensível. Ele não é apenas um número a mais que vai garantir seu salário no final do mês. É um ser que está ali, em nossa frente, muitas vezes querendo dizer: “ – Me enxerga! Preciso de ti! Você é minha última esperança!” Esperança de viver, de sobreviver, de ter alguém que o faça ter forças para continuar. Nós não lidamos somente com pessoas, lidamos com sonhos. Mas o que vemos muitas vezes são professores chateados, aborrecidos com ‘n’ fatores. Afinal, todos, temos problemas na vida. Só que, mesmo tendo todas as dificuldades do mundo, temos que lembrar que nossas “crianças”, também as tem, e, nós somos responsáveis por grande parte da estruturação delas.

O *Mais Educação* vem com o intuito, de auxiliar os professores no desenvolvimento de seus alunos, mas para isso eles precisam ver este projeto como um instrumento a seu favor. Digamos, que este seja uma peça a mais na estruturação, consolidação e concretização de nossas crianças. Portanto, sua função tem que ficar bem clara e definida. Já ouvi comentários como: “Ah, mais um projeto para o governo fazer com que essas mulheres tenham mais filhos!” e “Esse projeto aí...” como se fosse mais trabalho e não solução de problemas que enfrentamos no dia a dia como perder nossos alunos para a criminalidade e drogadição. Torno a dizer, daqui há alguns anos essas crianças vão estar participando ativamente da nossa sociedade, esperamos que seja de forma positiva e atuante, e muitos de nós, iremos precisar de seus auxílios nos diferentes papéis nos quais estarão atuando. Durante essa minha caminhada, pude acompanhar muitos alunos na sua trajetória da infância até a sua fase adulta. Alguns conseguiram vencer, outros, se perderam no roubo e nas drogas. É tão triste ver um ex-aluno se deixar vencer, por elas. Nesse momento, me pergunto: Em que momento da vida ela se perdeu? Em que momento foi determinante, para que a escola perdesse a batalha?

Elas saem das famílias, que até então era o único contato forte social, e vem conviver no ambiente escolar, pelo menos 4 horas diárias. Em que momento essa

criança descreditou da escola e de si, para se jogar num buraco sem fundo? Que é as drogas? Não podemos continuar fazendo de conta que enxergamos nossos alunos. Temos que vê-los realmente. Chega de enxergá-los apenas como receptor de conhecimentos. Enquanto tivermos esse entendimento, muitos continuarão se perdendo. O *Mais Educação* tem essa meta, esse comprometimento de resgatar, valorizar, entender, compreender nossos alunos. Guará (2006, p.16) destaca:

A perspectiva de compreensão do homem como ser multidimensional, a educação deve responder a uma multiplicidade de exigências do próprio indivíduo e do contexto em que vive. Assim, a educação integral deve ter objetivos que construam relações na direção do aperfeiçoamento humano. [...] A educação, como constituinte do processo de humanização, que se expressa por meio de mediações, assume papel central na organização da convivência do humano em suas relações e interações, matéria-prima da constituição da vida pessoal e social.

## **APONTAMENTOS NÃO TÃO FINAIS**

A conclusão que chego é que a educação está caminhando ora lenta, ora mais rápida. Existem pessoas comprometidas que acreditam numa educação de qualidade e buscam uma vida mais digna e justa para seus alunos. E, são esses movimentos que nos dão força para prosseguir e crer que as coisas vão melhorar. Com a Educação Integral e o *Mais Educação* não é diferente, creio muito no seu sucesso que ocorre já em alguns municípios.

Há muitas coisas ainda para melhorar, uma delas foi o tema da minha pesquisa. Realmente acredito que é preciso mais esclarecimentos e comunicação entre todas as pessoas na escola direta ou indiretamente envolvidas no projeto. Os professores realmente gostariam de ter entendimento sobre ele. Se todos forem convidados a participar e se, sentirem pertencentes e acolhidos, com certeza, todos teremos muito a ganhar. Acredito nos meus colegas. Sei que em algum lugar deve estar guardada a criança que eles foram e se escondeu ao longo desses anos, esperando uma oportunidade de aflorar novamente.

Ao longo dos meus anos aprendi que:

-Com jeito e de forma educada, tudo se resolve. Muitos equívocos podem ser evitados com diplomacia;

-Todos, queremos atenção, e ser valorizados;

-Devemos cuidar o que falamos, pois quem fala, esquece, quem escuta, não;

-Felicidade é o que fazemos com a vontade;

-O real é hoje. O ontem só serve de experiência, e o amanhã, não se sabe como será;

-Fazer o bem sem olhar a quem;

-Não devemos complicar tanto tempo a vida;

-O óbvio, às vezes, é só para nós;

-Se me colocar no lugar do outro, terei mais paciência e compreensão;

-Podemos mudar as coisas, mesmo que a passo lento. Se você fizer a sua parte, já será algo imenso;

-Cada pessoa está ao nosso lado no momento certo;

-Nada é por acaso, tudo tem um fundamento, e...

Cada um de nós tem a sua verdade e a grande tarefa da vida, é que todos nós, saibamos conviver com todas elas.

Afinal, somos como ruas, estamos interligados uns aos outros e a escola é um ponto de parada para reflexão do que somos, e do que queremos ser ... então vamos fazer dessa parada, algo inesquecível ...

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Conferência Nacional de Educação**. Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. **Diretoria de Currículos e Educação Integral Coordenação Geral do Ensino Médio**. Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. **Conselho escolar e o aproveitamento significativo do tempo pedagógico**. Caderno 4, 2004.

\_\_\_\_\_. **Programa Mais Educação: Passo a passo**. Brasília, 2011

CAMARGO, Paulo de. **Revista Educatriz**. São Paulo: Moderna, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUARÁ, Maria F. Rosa. É imprescindível educar integralmente. **Cadernos CENPEC: Educação Integral**, n.2, São Paulo: CENPEC, 2006.

IMBERNÓN, Francisco. As comunidades de aprendizagem e o novo papel do professor. **Pátio Revista Pedagógica**, Ano XIII, nº 51, agosto/outubro 2009.

LUCK, Heloisa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009.

LECLERC, Gesuína. Programa Mais Educação e práticas de educação integral. In: MOLL, Jaqueline et all. **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

SANTOS, Claudia Cristina Pinto; Vieira, Roberto Carlos. Reflexão sobre o Programa Mais Educação na rede estadual de ensino da Bahia. In: MOLL, Jaqueline et all. **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

MOLL, Jaqueline et all. **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.